

Jornal da FAED

Informativo do Centro de Ciências da Educação da UDESC - ano II - nº 15 - setembro de 1996

EDITORIAL

FAED:

UM CENTRO DESCENTRALIZADO?

A descentralização administrativa, um dos tópicos de análise do indicador global "gestão administrativa" da Avaliação Institucional da UDESC, é uma questão que merece reflexão.

Nos últimos anos, o Centro de Ciências da Educação vem sofrendo um intenso processo de descentralização das suas decisões administrativas e pedagógicas. Com a recente criação das coordenações e colegiados dos cursos de História e Geografia, a FAED passou a ter de fato uma instância deliberativa para cada curso, fortalecendo as discussões específicas, desde a reformulação curricular até processos domésticos. As coordenações de curso, instaladas em celas envidraçadas e munidas principalmente de telefone, vêm trabalhando com autonomia e eficácia singulares, marcando presença no cotidiano faediano. As coordenações de estágio e pós-graduação também têm seus encaminhamentos próprios, além da eleição direta para coordenador.

Os departamentos ainda não têm a devida visibilidade e efetivo vigor administrativo e pedagógico, apesar dos inequívocos avanços. Não têm espaço vital como as coordenações de curso e, em tese, ainda não são efetivamente instâncias de encaminhamentos de questões de fundo. A proposta da nova ocupação docente para a UDESC, produzida pela FAED, fortifica a vida departamental, ao atribuir 20 horas para o chefe de departamento, que passará a ter mais atribuições político-administrativas e presença diária nos centros. Por outra, a proposta de redepartamentalização da FAED, ora em debate nos próprios departamentos, é um projeto que tem o intuito de descentralizar ainda mais o nosso Centro.

Por outro lado, os núcleos têm exercido um papel agressivo e inovador. É geralmente destas instâncias informais que tem partido boa parte das iniciativas criativas, como os cursos de especialização, os debates interdisciplinares, os projetos de pesquisa e extensão, etc. A existência dos núcleos, fenômeno singular na nossa Universidade, permite a articulação das diferentes tribos em torno de eixos temáticos.

Enfim, a FAED avançou de forma significativa na descentralização administrativa, mas ainda precisa fortalecer a cultura departamental.

Prof. Norberto Dallabrida

SUMÁRIO	
colunas	2
entrevistas do mês	3
ensaios	4
informação geral	6
filmes & livros	8

TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES

BESC



Ademilde Sartori

Palestra "Ambientalismo e a Nova Ordem Mundial, proferida pelo Prof. Carlos Walter Porto Gonçalves. À esquerda, a Prof.ª Maria Paula Casagrande Marimon

IV SEMANA DA FAED

Leia opinião e veja imagens da Semana, produzidos pela Prof.ª Ademilde Sartori, especial para o Jornal da FAED, na p. 7.

EGRESSOS OPINAM SOBRE A FAED

Alzemi Machado e Rosane Maria de Godoy falam sobre o Centro de Ciências da Educação e de suas perspectivas profissionais. Leia entrevistas na p. 3.

Informação Geral:

Projeto Magister em Trombudo Central - p. 6.

Bolsas de Pós-Graduação para a FAED - p. 6.

Iª Jornada Catarinense de Educação Sexual - p.6.

Bibliocanto e Sintonia FM

A DIREÇÃO INFORMA

✓ Guillermo Diaz Rodriguez, Doutor em Ciências da Educação e Pró-Reitor da Universidade de Havana, veio à Santa Catarina para divulgar o "Encontro pela Unidade dos Educadores - Pedagogia 97" e falar sobre a educação em Cuba. Rodriguez esteve na FAED, no dia 21 de agosto, numa reunião sobre assuntos de pós-graduação.

✓ A Reitoria da UDESC não patrocinou a IV Semana da FAED, evento acadêmico e cultural, alegando falta de verbas. Para outras iniciativas, entretanto, sempre houve dinheiro disponível. O Prof. Raimundo Zumblick também não compareceu à abertura.

✓ A Direção da FAED parabeniza o CEFID pela inauguração do complexo "Érico Strätz Júnior", em 8 de agosto deste ano.

✓ O NAPE desenvolveu, no mês de agosto, a Oficina Pedagógica "O Texto no Contexto da Alfabetização", ministrado pelos alunos Lidney Ventura e Jaqueline Cristina de Andrade, do Curso de Especialização em alfabetização. O sucesso do evento foi garantido pela presença constante de participantes. Há uma lista de espera pela oferta de nova oficina, que desejamos seja para breve.

✓ A FAED teve o privilégio de promover, no dia 29 de agosto, o lançamento do livro da Prof.^a Ligia Regina Klein - "Alfabetização: quem tem medo de ensinar?". A Prof.^a Ligia é docente do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professora convidada do Curso de Especialização em Alfabetização, do Centro de Ciências da Educação da UDESC.

EXPEDIENTE

Centro de Ciências da Educação - FAED

Diretora Geral: Maria da Graça Soares

Diretor Assistente de Ensino: Norberto Dallabrida

Diretora Assist. Pesquisa e Extensão: Ione Ribeiro Valle

Secretária Geral: Maria Salette Granzoto Duarte

Jornal da FAED é uma publicação mensal do Centro de Ciências da Educação da UDESC. Rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis - SC, CEP 88010-450 - Fone (048) 222 5722 - Fax (048) 222 5356 - E-mail f2nd@npd.udesc.br

CONSELHO EDITORIAL: Norberto Dallabrida, Enio Luiz Spaniol, Gláucia de Oliveira Assis, Zenir Maria Koch, Fernando Moreira e Jairo Cardoso

Jornalista Responsável: Enio Luiz Spaniol (DRT 962/SE)

Diagramação: Jairo Cardoso

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores

DAOM

No informativo do DAOM os alunos terão espaço para escrever sobre diversos assuntos: os cursos e encontros que aconteceram no decorrer do semestre, as viagens Salvador, São Paulo e Belo Horizonte, e outros assuntos que queiram divulgar e seja de interesse dos acadêmicos.

Sugestões e Reclamações dos Acadêmicos 96/2

A Casa das Cópias deveria melhorar seu atendimento com um esquema de numeros ou uma fila organizada, para que as pessoas sejam atendidas por ordem de chegada.

Os alunos solicitam uma variedade maior de lanches e melhorias na qualidade dos mesmos.

O horário de funcionamento do Laboratório de Informática está péssimo. Deveria ter um funcionário (bolsista) durante todo o período da manhã. Não há necessidade de abrir às 07:30. O horário das 08:00h às 12:00h e das 13:00h às 22:00h de segunda à sexta-feira, atenderá melhor as necessidades dos acadêmicos.

A diminuição do valor das taxas cobradas pela Biblioteca (multa de atraso por devolução de material) e documentos emitidos pela secretaria serão solicitados através de abaixo-assinado e enviado para o Reitor. A documentação enviada, referente ao mesmo assunto obteve mudanças somente referente a 2ª via da carteira da biblioteca, o que não foi satisfatório.

Os formulários para a Carteira de Estudante, Nacional e Internacional estão disponíveis no DAOM.

Será realizada no mês de Setembro a I GINCANA DE INTERAÇÃO DE CENTROS com a iniciativa do DAOM. As inscrições já estão abertas.

A abertura oficial da Gincana será juntamente com a Festa do Calouro e também contará com a interação do CEART, CEFID, ESAG, CAV e FEJ

No mês de Outubro acontecerá a IIª Parte da Campanha de Conscientização do Uso de Drogas e Prevenção da AIDS. Estamos aceitando sugestões e colaboração.

AOS INTERESSADOS:

Direção Assistente de Extensão e Pesquisa - DAPE

Presidente Professora Ione Ribeiro Valle

Rua Visconde de Ouro Preto, 457 - Centro - Ao lado do Corpo de Bombeiros - Fone 222-9168

Programa de Pós-Graduação

ESPECIALIZAÇÃO

Coordenação: Ivonir Terezinha Henrique

Cursos: Alfabetização, Educação e Meio Ambiente e Educação Sexual

MESTRADO

Coordenação: Terezinha Gascho Volpato

Curso: Educação e Cultura

O DAOM está providenciando o quadro de horário de funcionamento para o segundo semestre.

Eleições para o DAOM GESTÃO/97 acontecerão em Outubro. Interessados devem montar suas chapas.

Qualquer informação sobre este artigo com Simone na Biblioteca

ADFAED - S. Sind. -

Prof.^a Ana Maria Juliano

I CONED - MARCO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O Primeiro Congresso Nacional de Educação, realizado no período de 31/07 a 03/08 do corrente ano, em Belo Horizonte, nas dependências da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu mais de cinco mil participantes, de 27 estados brasileiros, além de convidados de Cuba, Uruguai, Argentina, Chile e Portugal. O evento que contou com a participação (inédita), seja na sua organização, seja na sua realização, de professores, estudantes, técnicos-administrativos, sindicalistas e parlamentares, teve como tema central "Educação, Democracia e Qualidade Social - Construindo um Plano Nacional de Educação".

A cerimônia de abertura, ocorrida no Estádio Mineirinho, teve a participação, entre outros, de Tomaz Aroldo de Mota Santos - Reitor da UFMG, Aluisio Pimenta - Reitor da UEMG, Geraldo Magetá - Reitor da PUC-MG, Vicente Paulo da Silva - Presidente da CUT, Patrus Ananias - Prefeito de Belo Horizonte, os presidentes da ANDES-SN - Maria Cristina de Moraes, CNTE - Carlos Augusto Abicolil, FASUBRA - Carlos Maldonado e César A. Minto - ANDES, UNE - Orlando Júnior, UBES - Kerison Lopes. Coordenado a mesa, representando a Comissão Organizadora Nacional, os professores Júlio César Soares, da Coordenação de Educação - CNTE e Maria da Graça Nóbrega Bollmann, da Coordenação de GT - Política Educacional da ANDES-SN.

Além de resgatar as discussões do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, o I CONED também representou uma nova e importante aliança em defesa da Educação no Brasil, ao reunir no mesmo evento, os principais representantes das entidades sindicais, acadêmicas e estudantis, reforçando em especial, a unidade entre a educação básica e superior, já que o governo federal, obedecendo ao receituário neoliberal, vem tentando enfraquecer e destruir a educação pública, gratuita e de qualidade, nesses níveis de ensino.

Inaugurou, assim, a consolidação de uma exigência extremamente atual à sobrevivência dos sindicatos, da pesquisa e, portanto, da educação pública de qualidade em nosso país: o convite à reflexão e a apresentação de propostas de todos aqueles que consideram a escola pública uma conquista social e não querem vê-la desaparecer como os defensores do Estado "mínimo" pretendem.

A multiplicidade de visões sobre a problemática educacional foi contemplada na forma de 218 trabalhos, 205 comunicações, 34 oficinas, 10 conferências, 65 mesas redondas, além de inúmeras reuniões das entidades presentes, que reuniram, ao todo, mais de 700 pessoas.

Resta agora um desafio construir a unidade para a educação brasileira na elaboração coletiva de um Plano Nacional de Educação. Nessa direção, o I CONED propôs diretrizes que deverão ser discutidas pela sociedade civil organizada e pelas instituições (sociedade política) comprometida com a educação pública e gratuita de qualidade, num cronograma que vai de setembro de 1996 a 1997 - propondo o II CONED (Prof.^a Maria da Graça Nóbrega Bollman - Coordenadora do I CONED)

PRESTAÇÃO DE CONTAS: JULHO/96
SALDO DO MÊS ANTERIOR: 1.050,77

Data	Histórico	Entrada	Saida	Saldo
01/07	Mensalidades	494,61		1.545,38
01/07	Pagamento de Funcionário		112,00	1.433,38
04/07	Pagamento p. ANDES - 20%		98,92	1.334,46
16/07	Gastos Gerais		100,00	1.234,46

Livros & Livros

DISK LIVROS 222-1244

ESPECIALIZADA EM CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS

Na apresentação deste,
ganhe 10% de desconto

Rua Deodoro, 191 - Sala 2 - Cx. P. 3177
CEP 88010-020 - Fone/Fax: (048) 222-1244
Florianópolis - SC

Compras acima
de R\$ 75,00 (1 + 2)

Loja no Hall do C. F. H. (UFSC)
Fone: (048) 233-4096

ALZEMI E ROSANE FALAM SOBRE A FAED

Prof. Enio Luiz Spaniol

Alzemi Machado formou-se em Biblioteconomia pela FAED em 1996 e Rosane Maria de Godoy colou grau em Pedagogia em 1995. Ambos foram alunos atuantes no Centro de Ciências da Educação, razão pela qual o Jornal da FAED convidou-os a dar esta entrevista, para avaliar a situação dos egressos da UDESC.

Jornal da FAED - Qual a avaliação de vocês sobre o curso concluído na FAED?

Alzemi Machado - Através da participação em congressos a nível regional e nacional, pude constatar que a Biblioteconomia da UDESC/FAED não está muito longe de outras escolas do país. Temos uma grade curricular que envolve disciplinas técnicas e de cultura geral. Nossa forma de estágio, desenvolvida em quatro etapas durante o curso, é uma experiência que deu certo e que inclusive está servindo de modelo para outras escolas. Nosso corpo docente, em sua maioria, tem pós-graduação. A nível de região sul, nossos professores estão empenhados na unificação do currículo e na criação do 1º curso de mestrado em biblioteconomia na região. Devo destacar também o apoio de nossas duas últimas coordenadoras, que sempre estiveram juntas com os estudantes na tentativa de resolver problemas internos, além de apoiar todos os eventos organizados por nós (ENEBD, 1º EREBD-SUL, Semana do Bibliotecário etc.).

Falhas existem, mas só vamos corrigi-las com a participação de todos, principalmente dos alunos. Minha crítica ao curso e aos outros cursos sempre esteve centrada na falta de pesquisa e extensão. É preciso que a universidade mostre às comunidades o que está desenvolvendo, cumprindo efetivamente sua função social.

Rosane Maria de Godoy - Para realizar esta avaliação penso que precisa ser resgatado fundamentalmente minha trajetória acadêmica, o compromisso dos educadores e a postura do curso frente aos desafios colocados no campo profissional. Neste sentido, é possível dizer que foi sobretudo a vontade política de "alguns mestres", que buscaram contribuir de forma séria e competente na formação de educadores mais politizados, conscientes, com capacidade de hoje estarem atuando de forma a enfrentar e explicitar as contradições e limitações que perpassa o sistema educacional e a sociedade brasileira. O curso de Pedagogia, mas especificamente a especialização realizada - *Orientação Educacional* - sem dúvida possibilitou a reflexão das temáticas da educação, desvelando o cotidiano escolar, principalmente com o Estágio Supervisionado que "ousou" pesquisar e trabalhar com professores e alunos, apontando suas contradições, na perspectiva de a partir de seus próprios indicadores educacionais, encontrar possíveis caminhos para os problemas enfrentados no dia a dia.

J.F. - As perspectivas profissionais são boas nas suas áreas?

Alzemi - Entrei no curso com muita convicção. Trabalhei dez anos na Biblioteca Pública do Estado e por experiência já conhecia a realidade da profissão. A biblioteconomia tem espaços largos na sociedade, principalmente agora que estamos na era da informação. Acontece que por questões políticas e ideológicas de um sistema que está constituído, não é interessante socializar a informação. Atualmente nos resta o mercado de trabalho das bibliotecas especializadas, que tem crescido, porém pagando baixíssimos salários.

Na oportunidade, convém esclarecer neste espaço que a atitude tomada em minha formatura, quando joguei o diploma fora teve o sentido de protestar perante este quadro.

Rosane - Buscamos na educação referenciais que auxiliem a busca de elementos que nos ajudem a compreender e explicar os fenômenos sociais, as nossas práticas e os nossos discursos. É preciso resgatar a valorização do profissional da educação que passou e ainda passa por descaso. O profissional do magistério sofre um desgaste, tanto do ponto de vista econômico, sobretudo retratado em seus baixos salários, como no ponto de vista social, pois sua profissão não é vista com valor, com "status". Portanto, só será possível dizermos que a educação é um campo de trabalho com grandes perspectivas, e acredito nisto, se atuarmos coletivamente, entendendo o homem como produto da história e da cultura, que nas suas relações sociais luta pela construção de uma sociedade mais igualitária, humana e cidadã.

J.F. - Como vocês analisam a universidade (UDESC) e Centro ao qual vocês estiveram ligados (FAED), desde a sua estrutura, qualidade e distribuição do poder?

Alzemi - Entrei na UDESC em 1991 e francamente ela está evoluindo. A transformação em Fundação e Instituição Pública e Gratuita foi sem dúvida um ganho político e social e devemos lutar para que continue como está. Há uma sintonia a nível nacional para acabar com as universidades públicas e o melhor meio é o corte de verbas. É preciso aumentar o percentual de recursos e garantir definitivamente a autonomia universitária. Tais ações irão, conseqüentemente, criar condições para gerar a qualidade.

A UDESC não pode servir a grupos que agem com os interesses pessoais e que todos nós sabemos que existem. Da mesma forma é preciso distribuir os recursos de maneira equitativa, sem dar preferência a este ou aquele centro. Por último, é preciso defender a democracia universitária, mantendo as eleições diretas para Reitor, Diretores de Centro, Conselhos Deliberativos, ampliando para as coordenações de curso. É preciso romper com o corporativismo, inicialmente dando o mesmo poder de voto para alunos, professores e funcionários.

Rosane - A UDESC já é um fragmento a partir de sua estrutura multi-campi, que não vejo problema, embora defenda um único campus. O problema maior é o privilegiamento a determinados centros que não preciso citar, pois é visível à todos. Ora, uma universidade se faz e se sustenta pelo seu todo no ensino, pesquisa e extensão, e fundamentalmente dando respostas às necessidades e anseios da sociedade. Neste momento não posso deixar de registrar o avanço da FAED em termos de estrutura organizacional com uma direção transparente e democrática, otimizando projetos que vise o resgate da qualidade do centro, principalmente com a expressiva produção que se tem

feito na pesquisa, bem como a promoção de eventos nas mais diversas áreas, de grande importância à comunidade, haja vista a IV Semana da FAED. É importante também lembrarmos da Pós-Graduação com os cursos de Especialização, e do Mestrado em Educação e Cultura, que desenvolvem pesquisas sérias, e são reconhecidos por isso, fazendo com que a universidade cumpra seu papel na contribuição da formação da cidadania. Mas essas questões só são possíveis pois a direção trabalha coletivamente com o ensino, pesquisa e extensão, através de seus diretores assistentes, respeitando

núcleos e departamentos que dão suporte teórico a cada área específica.

J.F. - Como foi a atuação de vocês no movimento estudantil e qual é a sua importância para a vida universitária?

Alzemi - A minha escola de militância foi no movimento secundarista no início dos anos 80. Dentro da UDESC fui

um militante atípico. Fazia uma atuação por dentro, às vezes com conchavos. Sempre tive circulação pela FAED, tanto com alunos, funcionários, professores, diretores e Reitor. Meu discurso é forte, radical, mas métodos nunca foram extremados, sou de sentar para conversar. É um estilo. Às vezes faço coisas que deixam a esquerda perplexa e a direita indignada e vice-versa.

Agora, quanto ao movimento estudantil, ele perdeu o charme e a elegância que tinha, pelo menos por um motivo: a partidarização das entidades.

Rosane - A partir da atuação mais efetiva na União Catarinense dos

Estudantes-UC (91/92), é que comecei a entender a importância da participação no movimento estudantil. Na FAED, particularmente sempre estive presente dando apoio nas lutas que eram coletivas do centro. Destaco aqui a questão do espaço físico, estágio supervisionado, autonomia da UDESC, greve dos professores, qualidade do curso de Pedagogia - quando da promoção da Semana da Pedagogia, com temas significativos, inclusive bastante debatidos na atualidade, como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, Municipalização, Universidade Pública, Projeto Pedagógico e Estatuinte, o Curso de Pedagogia da FAED, Perspectiva de atuação do Educador e os Movimentos Sociais e Propostas de Estágio da FAED. O estudante universitário precisa ser entendido como sujeito que busca sim a formação profissional, mas fundamentalmente como participante da construção de uma história que se concretiza na coletividade.

J.F. - Como vocês avaliam as eleições para a Direção da FAED, frente ao atual momento político da sociedade brasileira?

Alzemi - A próxima eleição para Direção de Centro será uma das mais concorridas. Aliás, a FAED é o centro mais politizado da UDESC, onde ficam nitidas as posições ideológicas dos grupos políticos que a compõem. A atual direção, é de se reconhecer, fez de acordo com as suas limitações uma boa gestão, apesar dos problemas de relacionamento com a Reitoria (político e pessoal de ambas as partes).

E dou uma dica para os futuros candidatos: quem mostrar a postura mais independente, sem agressividade, vence as eleições. Política não se faz com raiva.

Rosane - Penso que a sucessão da direção da FAED tem que ser avaliada por todo segmento acadêmico, ou seja, pelos servidores, professores e alunos. E aqui faço um apelo aos colegas estudantes, que sempre buscaram em suas lutas a defesa do ensino de qualidade, público e gratuito, que estejam atentos as mazelas do poder que abafou nosso voto na última eleição para Reitor da UDESC e que isto não se repita mais. Tenho clareza dos limites e contradições desta direção, mas acredito na "utopia como projeto possível". Portanto, quero continuar acreditando na próxima direção da FAED sobretudo embasada na qualidade e dinamismo que esta proporcionou.

Enio Luiz Spaniol é Professor Colaborador da FAED e Jornalista Responsável pelo JF.



O "POLITICAMENTE CORRETO" E A SEXUALIDADE HUMANA - II

Prof.^a Jimena Furlani

Marias (1995), afirma que a Oxford University Press publicou recentemente uma edição "politicamente correta" da Bíblia. "Nessa edição não se menciona Deus Pai, senão Deus Pai-Mãe; não se fala do Filho, mas da "criança" (porque em inglês a palavra é neutra); a escuridão não é mais sinônimo de inferno para não ofender as pessoas de pele escura; nas parábolas não há escravos, nem cegos, nem paralíticos, mas "seres submetidos", "com falta de visão" e com "diferentes capacidades"; ninguém se sentará a direita de Deus para não incomodar os canhotos [...] (p.5-10). O autor critica ironicamente o exagero com o qual a mídia tem se utilizado dessa expressão e afirma, "essa é uma postura de censura, inquisitorial e totalitária, semelhante a das ditaduras. Em breve, essas mentes julgarão errado que Otelo, um assassino, fosse negro; que Romeu e Julieta, dois suicidas, fossem menores de idade; que Macbeth, outro assassino, fosse instigado por uma mulher, a sua; e que Dom Quixote tivesse um escudeiro 'porque todos os homens são iguais'. Talvez decidam então fazer versões 'politicamente corretas'" (Id., *ibid.*).

A era do "politicamente correto" parece que nos mostra uma sociedade mundial que encontra-se a caminho de um crônico estado de suscetibilidade, de melindre e de exagerado pudor. Talvez sugira apenas uma demonstração da dificuldade de reconhecer os direitos civis e políticos das ditas "minorias" através de mudanças que levem a efetivas conquistas sociais. Em prol do objetivo de não causar polêmica ou conflito, nos discursos crescem o apego às evasivas, aos subterfúgios e aos rodeios, o que tem favorecido o "politicamente correto" em várias áreas da vida humana, com repercussão direta na sexualidade, uma vez que as vivências sexuais passam, necessariamente, pelo estado presente das relações humanas.

Em junho de 1990, a Universidade de Birmingham aprovou no seu Conselho Universitário, "normas de linguagem" para orientar a elaboração de documentos burocráticos e acadêmicos que, a partir daquele momento, deveriam ser escritos com termos neutros para os gêneros². Como justificativa e recomendação a toda comunidade universitária, o documento observa que "no uso da escrita ou da linguagem falada, onde a referência pessoal em relação a raça ou sexo é irrelevante, esta deve ser evitada". A decisão política foi pela busca de uma linguagem não-sexista e neutra em gênero (o que torna-se mais difícil, em se tratando da língua portuguesa). Um exemplo, é o neologismo de um termo neutro, que não especifica a condição civil da mulher: ao invés de usar "Miss" (senhorita; moça na forma coloquial) ou "Mrs" (senhora), usa-se o "politicamente correto" "Ms". Seu uso pode ser verificado na mudança da frase "Contact Professor Brown or his Secretary, Mary" (Contate com o Professor Brown ou com sua secretária, Mary), para sua versão "politicamente correta", "Contact Professor Brown or Ms. Smith, Secretary" (Contate com Professor Brown ou Ms. Smith, Secretária).

Há ainda, outras recomendações como, por exemplo, quando houver a necessidade de listar nomes, deve-se usar o critério da ordenação alfabética, exceto quando a ordenação requerer especificação por idade. Buscando padronizar algumas expressões, deve-se substituir "women's libbers" (mulheres liberadas) por "feminists" (feministas); para superar os estereótipos sexuais que levam ao sexismo, deve-se evitar "wife" (esposa, mulher)

e "husband" (marido, esposa), e adotar o "politicamente correto" "partner" (cônjuge, par) que reconhece a possibilidade da união homossexual pois não especifica sexo. Deve-se evitar descrições de gênero em situações irrelevantes: ao invés de dizer "a woman doctor", diz-se "a doctor"; ao invés de "a lady editor", usa-se "an editor"; "a male nurse" por "a nurse".

Quando se refere a uma posição, a uma qualidade ou uma ação costumeiramente aplicada ao outro sexo (o masculino), deve-se buscar a utilização de termos neutros. Isto é observado nas seguintes situações na língua inglesa, onde as palavras incorporam o final -man, conferindo-lhes o atributo exclusivamente masculino: "businessman" (homem de negócios) deve ser substituído por "executive" ou "business executive", uma vez que mulheres também podem exercer esta função. O mesmo para outros termos como "craftsman" (homem artesão), deve ser substituído no uso, pelo "politicamente correto" "artisan" (artesão, artífice) ou "craftsperson" (pessoa artesã), deve-se evitar o uso de "draughtsman" (homem desenhista), e substituí-lo por "draughtsperson" (pessoa desenhista); "alderman" (vereador masculino) por "councillor" (conselheiro) ou "council member".

A necessidade do surgimento de termos "politicamente corretos" pode ser interpretada como uma declarada demonstração de que, para a humanidade, está cada vez mais difícil conseguir chegar a uma forma pacífica de expressão linguística e de convivência, sem que para isso, cada etnia, grupo ativista sexual, gênero ou grupo religioso sintam-se agredido ou ofendido. Esta é uma análise pertinente e passível de contestação principalmente porque demonstra a existência clara de uma sociedade desigual, com diferenciadas oportunidades de acesso aos seus diversos segmentos, e que mostra o "politicamente correto" como uma forma de se conseguir espaços "a força", "na marra".

No entanto, o "politicamente correto" também surge para camuflar as expressões que durante anos, definiram a identidade de cada grupo, mas que agora são vistas como representantes do preconceito, com forte significado discriminatório. Esta é uma crítica legítima dos grupos marginalizados. Mesmo que para os grupos as expressões sejam mantidas entre eles (como forma de manter essa identidade), na sociedade, de um modo geral, o significado não é o mesmo. Por exemplo, entre gays masculinos se autodenominar de "bicha" é aceito, da mesma forma que chamar um igual de "bicha velha" ou "bicha louca", etc. No entanto, não será tolerado em situações discriminatórias e pejorativas que neguem o respeito a vivência sexual e aos direitos do cidadão. Neste ponto o "politicamente correto" esbarra no

limite do grupo que mantém para os seus domínios, expressões consagradas como forma de manter sua identidade construída. Essa diferenciação e permissão no uso, é fruto da compreensão e da percepção das dores de uma opressão coletiva vivida.

Em se falando de consciência e mobilização para a luta, os tempos são outros. Os movimentos historicamente marginalizados, neste início de século XXI, chegam no auge da conscientização de sua repressão e, aderem a uma nítida (e até "agressiva") postura de oposição a situação vigente com firme posicionamento político de luta. Não sou contra as expressões "politicamente corretas". Elas realmente surgem para garantir o mínimo de dignidade e respeito aos grupos ofendidos e são, sem dúvida, preferíveis às expressões pejorativas, ridículas e

carregadas de valores morais normativos de uma sociedade hipócrita e hegemonicamente masculina, branca, patriarcal e heterossexual.

É preciso, contudo, que se garanta uma maior reflexão sobre essas expressões pois elas por si só, não bastam, não mudam o quadro vigente. O exagero no uso de expressões politicamente corretas constituem-se apenas numa inteligente dissimulação conciliadora, numa camuflagem na manutenção da ideologia dominante que discrimina e sectarisa; dá a sensação do respeito mas não atinge o âmago dos problemas sociais que mantêm o preconceito e a discriminação, sem profundas mudanças a conquistas civis e políticas. Mesmo aderindo ao "politicamente correto" a luta política deve continuar para que não tenhamos a sensação de que as expressões verbais alternativas constituem-se apenas num paliativo "politicamente correto".

BIBLIOGRAFIA CITADA

Paulino, Wilson Roberto. *Biologia Atual*. São Paulo: Ática, vol. 03, 1989.

Marias, Javier. *A Inquisitorial Demência do Politicamente Correto*. in: *Folha de São Paulo*, "Mais" - 07/01/1995, 5-10.

Jimena Furlani é licenciada em Ciências Biológicas (UFSC), Mestre em Educação (UFSC/CED); professora dos Cursos de Pedagogia e Geografia (UDESC/FAED); membro do NES - Núcleo de Estudos da Sexualidade (UDESC/FAED/DAPE); Professora no Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação Sexual (FAED/UDESC).

A primeira parte deste artigo foi publicada em agosto, na 14ª edição do *Jornal da FAED*

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA PUBLICAÇÃO DE ENSAIOS NO JORNAL DA FAED

- Os originais devem ser encaminhados até o dia 10, para publicação no mesmo mês;
- Os trabalhos devem limitar-se, preferencialmente, ao mínimo de 8 (oito) e ao máximo de 10 (dez) laudas de 20 (vinte) linhas de 60 (sessenta) toques, para publicação em página inteira, ou o correspondente para publicação em meia página, assinados e rubricados pelo autor;
- Pseudônimos devem estar acompanhados da identificação do autor;
- Originais não publicados não serão devolvidos;
- *Jornal da FAED* não divulga trabalhos que façam qualquer espécie de publicidade comercial;
- Todos os trabalhos serão submetidos a revisão gramatical e ortográfica antes da edição;
- Participe do *Jornal da FAED* enviando seu artigo para publicação. Manifeste seu pensamento!

² O referencial que forneceu as informações acerca das medidas adotadas na Universidade de Birmingham, foi fornecido pela Professora Aleksandra Piascka-Till (doutoranda em Linguística, na UFSC), e trata-se de um texto mimeografado, de 06 (seis) páginas, intitulado "The University of Birmingham - Language Guidelines"

ALFABETIZAÇÃO X ANALFABETISMO

Susana Hintz

Este texto sobre alfabetização será organizado em dois momentos: primeiro conceituando e refletindo sobre o analfabetismo e num segundo momento situando a alfabetização dentro da abordagem mecanicista e emancipatória da educação a fim de repensar suas diferenças. Primeiramente é necessário termos clareza sobre o conceito de analfabetismo e refletir sobre o mesmo, pois o nosso conceito de analfabeto está ligado de uma forma ou de outra ao conceito que temos de alfabetização. A partir do momento que refletimos sobre tais conceitos começamos não só a questionar e rever a nossa prática em sala de aula, mas também a repensar a relação professor/aluno.

O analfabetismo é reconhecido por muitos e imposto pela classe dominante como sendo o não conhecimento da leitura e escrita das palavras, ou seja, quem não tem acesso ao conhecimento, via leitura e escrita, é identificado como analfabeto e este passa a ser aquele que não sabe e por nada saber é excluído do meio onde circulam os que detêm o conhecimento formal da escrita. Apesar de ser uma visão reducionista do analfabetismo, esta é a visão que permeia a nossa sociedade, visão que vai de encontro ao interesse da classe dominante, excluir um grupo que, por meio da sua emancipação, pode vir a questionar e criticar esta mesma classe, a que detém os meios de produção.

Desta forma, negando a cultura, a vivência e a experiência do indivíduo, acabamos limitando seu

conhecimento e sua capacidade criadora ao espaço escolar, espaço este em que se sistematiza o conhecimento da leitura e escrita. Não pretendo negar a contribuição social que a escola fornece ao indivíduo, mas ressaltar a importância do conhecimento construído pelo homem no seu cotidiano. Neste caso precisamos repensar o conceito de analfabetismo procurando pensá-lo como "... uma forma de ignorância política e intelectual..." (Paulo Freire), ignorância política no sentido de não procurar compreender o seu contexto e engajar-se politicamente aos interesses sociais do povo.

Podemos pensar o analfabeto político não como aquele que não lê ou escreve as palavras, mas aquele que não lê as entrelinhas, não faz uma leitura crítica do seu meio e do período histórico em que vive. Ou seja, podemos pensar o analfabeto como aquele que desconhece um determinado assunto, assim todos nós podemos nos considerar analfabetos em determinados assuntos, uma vez que ninguém detém o conhecimento de tudo. Nesta perspectiva a alfabetização também precisa ser repensada já que é conhecida, em muitas escolas, como um ato mecânico de ler e escrever, como está sendo vista serve apenas para perpetuar a sociedade que aí está, sem criticá-la ou transformá-la.

A escola passa a ser um meio onde se reproduz o sistema no qual estamos inseridos porque não vê como prioridade levar as crianças a fazer uma leitura do contexto onde vivem, levá-las a questionar, a investigar e interagir ativamente a fim de mudar e

construir a sociedade de outra forma, uma sociedade que venha de encontro com seus reais interesses e necessidades. Num segundo momento precisamos repensar o conceito de alfabetização e procurar encontrar uma abordagem de alfabetização que tenha por objetivo a formação de um sujeito ativo, crítico e consciente do seu papel no meio onde vive, Paulo Freire nos faz pensar a transformação como caminho para uma alfabetização emancipatória, onde o campo de luta seja a prática social do sujeito.

Nesta perspectiva o sujeito passa a compreender melhor o espaço onde vive e as relações que estabelece na sociedade a partir da leitura que faz do mundo, tendo como ponto de partida a sua cultura. Neste sentido tanto o professor quanto o aluno estão em constante processo de conhecimento individual e social. Os instrumentos culturais, a linguagem oral e escrita é um deles, servirá como meio utilizado para a construção deste conhecimento. Desta forma não se pode negar a historicidade dos fatos e das ações, pois estes se dão em uma relação dialética. A alfabetização passa a fazer parte de um horizonte mais amplo, visando o crescimento de um sujeito ativo e autônomo.

Susana Hintz e mestrandia de Educação e Cultura na FAED UDESC e formada em Pedagogia pela Fundação Educacional Regional Jaguarense - FERJ. com habilitação em Séries Iniciais - 1ª a 4ª série do 1º e em Educação Prê-Escolar.

A INVERSÃO DA PRAIA DE CANASVIEIRAS

Suzana Bittencourt

O balneário de Canasvieiras, situado ao Norte da Ilha de Santa Catarina, recebe um grande número de turistas todos os anos. Hoje em dia, ao passear por sua orla marítima nos deparamos com símbolos da modernidade: edifícios envidraçados, anúncios em neon, lanchonetes e avenidas asfaltadas. Mas a praia de Canasvieiras não nasceu assim!

No início deste século, a orla de Canasvieiras era conhecida, pelos próprios moradores dessa comunidade, como o "lugar dos pobres". Na beira da praia havia ranchos de pau-a-pique, cobertos com palha. Esses ranchos eram uma mistura de residência e barraco de pesca onde se guardavam os apetrechos do mar.

Nesse período, moravam na orla "Negro Quito", "Mão Aleijada" e "Pé de Anjo" e isso acontecia por absoluta necessidade. A esses personagens, excluídos economicamente e socialmente não restava outra opção, a não ser enfrentar o mar e o isolamento da praia.

Entretanto, Canasvieiras não se limitava somente à orla marítima, havia também a Freguesia, distante aproximadamente 4 Km do mar, onde moravam as famílias em volta da Igreja. Essas famílias tinham seus ranchos de pesca na praia, grande parte desses moradores pescavam, além de exercerem outras atividades econômicas tais como: agricultura, comércio, artesanato, etc.

Percebe-se então, que durante um certo tempo da história dessa comunidade, havia duas canasvieiras. Uma que se encontrava na orla marítima e outra na Freguesia. Elas eram fisicamente distante entre si. Todavia, cotidianamente, as duas Canasvieiras se

encontravam. "Negro Quito" colhia café na Freguesia, enquanto que os habitantes desta procuravam o mar para retirar parte do seu sustento.

O estabelecimento de relações de solidariedade se dava com a frequência entre os habitantes da comunidade. "Para barrar casa, juntava 10, 20 homens e todos trabalhavam juntos. Na rede, ia trabalha tudo junto..." nos conta Seu Carlos Mateus da Silva.⁽¹⁾

Data de 1951 o primeiro projeto de loteamento da orla marítima de Canasvieiras. O referido projeto desapareceu sem deixar vestígios. Em 1956 e 1958 outros dois projetos de loteamento, o primeiro público e o segundo privado, foram elaborados e executados. Hoje, parte da configuração espacial da orla de Canasvieiras, obedece aos padrões "pensados" nesses dois loteamentos.

O tempo foi passando e trazendo, lentamente, mudanças. A relação do antigo morador com o mar alterou-se. A praia, que era o lugar do trabalho, passou a ser também o lugar do lazer. O antigo morador da comunidade, hoje, frequenta a praia e, muitos, continuam a realizar o seu trabalho no mar. O turista-morador, que "olha" a praia apenas pelo foco do

lazer, quer desativar os ranchos de canoa que restaram. Segundo Seu Zelio⁽²⁾: "eles acham "nojento" o serviço e o cheiro de peixe".

Mansões, hotéis, restaurantes com janelas para o mar, foram ocupando o espaço que antes era vazio. A paisagem foi transformada.

Na atualidade, diferentemente do início do século, homens, mulheres, jovens e crianças com "nome e "sobrenome" desfrutam os prazeres que a praia oferece.

O turista-morador trouxe consigo novos hábitos e tendências que foram sendo "copiadas" pelos antigos moradores. O vestir-se conforme a moda, o trancar a porta da casa são exemplos dessas mudanças no campo sócio-cultural.

Os loteamentos da década de 50 e outros posteriores transformaram terras que antes eram públicas em terrenos privados. As avenidas, prédios e boates representam, hoje, a cidade que beirou o mar de Canasvieiras.

Suzana Bittencourt é aluna da 9ª fase de História. Foto: casa de pau-a-pique encontrada no Rio Vermelho. Notas: as fontes 1 e 2 referem-se a entrevistas concedidas em dezembro, janeiro e fevereiro de 1996.



Bibliocanto

Wanja Marques de Carvalho

⇒ Biblioteca Universitária

Em função dos questionamentos que estão surgindo em torno da descentralização administrativa da BU/Núcleo da UDESC, consideramos oportuno esclarecer em que nível se processou e de que forma está afetando o cumprimento dos objetivos por nós projetados para o ano de 96, e que não estão cumpridos. Em 1980, Ferreira (Prêmio de Biblioteconomia e Documentação INL/MEC, 1979) disse que: À medida que a Universidade melhora seus padrões de ensino e pesquisa, sente-se pressionada a dar melhores condições às bibliotecas para que funcionem com eficácia; e estas, por sua vez, funcionando adequadamente, dão melhor apoio aos programas educacionais da própria Universidade. É a retroalimentação, da qual depende não só a continuidade e qualidade dos serviços oferecidos, bem como a qualidade do próprio ensino" e continua dizendo ainda que "para atingir de fato suas finalidades e responder às reais necessidades da universidade, pessoal capacitado e em número suficiente, dispor de equipamento e material necessário; ter estrutura operacional adequada, inclusive facilidades especiais de intercomunicação; enfim, possuir todas as condições para um funcionamento perfeito e eficaz" e poderíamos continuar citando a referida e considerada autora, para termos um retrato falado, em negativo, de nossa Biblioteca Setorial e de uma descentralização que não foi planejada e nem espelhada no momento atual: onde o sistema de comunicações telefônicas é insuficiente, não temos autonomia para aquisição de material informativo, temos poucos auxiliares administrativos para tarefas de apoio e toda uma série de disfunções que foram elencadas e encaminhadas a Direção Geral da FAED justificando nossa oposição ao sistema. As conseqüências já estão se evidenciando com a descontinuidade dos periódicos que eram assinados e a total indiferença aos nossos renitentes pedidos de aquisição de mobiliário para armazenamento de coleções.

Estruturalmente estamos nos organizando para assimilar o sistema, tendo destinado as duas pequenas salas que temos no 1º piso da Biblioteca para a instalação do Setor de Processamento Técnico, onde deverá ficar instalada a bibliotecária treinada para essa tarefa específica. Essa foi uma das situações acordadas pelo Magnífico Reitor: a redistribuição da bibliotecárias que atuavam no tratamento técnico do acervo das Setoriais, entre os Centros de ensino que atendiam.

⇒ Bienal do Livro

A convite das professoras Ana Juliano e Neide Mota, do Departamento de Biblioteconomia, a Biblioteca Setorial da FAED esteve representada pelas bibliotecárias Wanja Marques de Carvalho e Léa Regina Silveira, na comitiva que esteve em visita à 14ª Bienal Internacional do Livro, em São Paulo. Agradecemos as professoras pela oportunidade de vivenciar um acontecimento desse porte e também por lembrarem que estamos na mesma área e temos interesses comuns.

LEITURAS & IMAGENS

O trabalho Leituras & Imagens 1, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação da FAED, recebeu aprovação para ser apresentado na 19ª Reunião Anual da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. As professoras Vera Gaspar e Ione Valle, coordenadoras do projeto, aguardam financiamento da UDESC para, em setembro, apresentarem na cidade de Caxambu-MG, este trabalho, que projeta nacionalmente o nome de nossa universidade. Para os faedianos este material encontra-se à disposição no Núcleo de Recursos Tecnológicos, onde nossa comunidade tem acesso às fitas de vídeo (imagens), e na Biblioteca Setorial, onde estão os exemplares com os textos (leituras).

CURSO DE HISTÓRIA EM TROMBUDO CENTRAL

NESTE SEGUNDO SEMESTRE foram iniciadas as aulas de História do Projeto Magister, ministrado pelo Centro de Ciências da Educação da UDESC, na cidade de Trombudo Central.

Funcionando no Colégio Herman Blumenau, o curso reúne 50 educadores de 17 cidades do Estado, que buscam uma melhor qualificação para que possam "contribuir ainda mais para a educação catarinense".

Para o aluno Cláudio Piotto, "embora tenhamos sido beneficiados pela oportunidade de frequentar um curso universitário gratuito, alguns pontos precisam ser resolvidos com urgência, sob pena de prejuízo à qualidade do ensino. A sala de aula é pequena para 50 alunos. Tem apenas 48 m². Não há biblioteca para consulta. Falta um serviço de fotocópias".

Os alunos solicitam o empenho dos organizadores do curso e autoridades competentes no sentido de sanar os problemas elencados.

Como pontos positivos salientam que os professores têm correspondido às expectativas e trabalhado com seriedade e competência. Os conteúdos trabalhados também têm sido relevantes e demonstram a preocupação e o compromisso dos organizadores do curso para com a educação.

1ª JORNADA CATARINENSE DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Coroadas de pleno êxito a 1ª Jornada Catarinense de Educação Sexual, realizada nos dias 15 e 16 de agosto. Dentre os objetivos do evento, pudemos destacar a divulgação dos trabalhos produzidos nos cursos ministrados pelo Núcleo de Estudos da Sexualidade - NES, em nível de graduação e pós-graduação, como também a socialização de instrumentos teóricos e metodológicos, para educadores que atuam na área e demais interessados, possibilitando-lhes a troca de experiências. O evento envolveu 250 educadores, tendo atingido plenamente seus objetivos. A avaliação dos cursistas registra superação das expectativas.

Ademilde Sartori



SEXUALIDADE - Mesa-redonda "Tendências e desafios para uma educação sexual emancipatória", na 1ª Jornada Catarinense de Educação Sexual. Da direita para a esquerda: Prof. Dr. César Nunes, Prof. Dr. Luís Mott e Prof.ª Sônia Mello. À esquerda: Lorette Nardeli (moderadora).



Turma de História do Projeto Magister

COORDENAÇÃO REGIONAL DA ANFOPE FICA NA FAED

O Professor Liberato Manoel Pinheiro Neto, do Centro de Ciências da Educação desta Universidade, é o Coordenador da Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da Educação para Região Sul.

Eleito durante a realização do VIII Encontro Nacional da ANFOPE, de 25 a 28 de julho último em Belo Horizonte, o novo coordenador representará a entidade junto aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul até julho de 1998.

A ANFOPE, criada em julho de 1990, tem como finalidade fazer avançar o conhecimento no campo da formação dos profissionais da Educação, através da mobilização de pessoas e instituições dedicadas à área.

ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO RECEBEM BOLSAS DE ESTUDO

O Consórcio CNO-CBPO investirá R\$ 33.000,00 no custeio de quinze bolsas de estudo para os alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação e Meio Ambiente da FAED/UDESC. Este investimento resulta de decisão do Promotor do Centro de Promotorias da Coletividade, Dr. Antônio Carlos Brasil Pinto, que numa atitude inédita, estabeleceu o pagamento desta quantia, como medida compensatória, pela destruição de uma parte da Praia do Sonho, em decorrência de obras realizadas pela citada empresa. Esta deverá, ainda, reparar todo o dano ambiental causado. Sobre o assunto, o Reitor da UDESC, Raimundo Zumblick, declarou: "A decisão do Ministério Público foi brilhante, pois não basta punir, é preciso investir em educação. É também um reconhecimento ao nosso curso de pós-graduação". Sobre o Curso de Pós-Graduação em Educação e Meio Ambiente, a Prof.ª Maria Paula Marimon explicou que até o momento o Ministério da Educação só havia concedido cinco bolsas de estudo. "Os vinte bolsistas são pontos multiplicadores de conhecimento dos problemas ambientais junto à sociedade", acrescentou.

O Conselho Editorial do JF agradece à Prof.ª Ademilde Sartori, fotógrafa da IV Semana da FAED

IV SEMANA DA FAED: Momento de Produção de Saberes

Ademilde Sartori - Especial para o JF

A comemoração do aniversário da FAED através de uma Semana de eventos vem instigando o debate dentro da comunidade do Centro de Ciências da Educação. Numa atitude arrogada por parte da comissão organizadora, a programação deste ano causou impacto. Temas atualizados, palestrantes de renome nacional, atividades concomitantes e abrangendo áreas de interesse dos diversos cursos, espaço para a criatividade e expressão plástica, compondo um leque variado de atividades que, no conjunto, contribuem muito além do intelectual.

Fruto das contribuições dos departamentos, através de seus representantes, a IV Semana da FAED refletiu a vontade de discutir, debater, aprofundar o estudo e a análise de questões pertinentes a nós todos como cidadãos e como profissionais desta ou daquela área. Estes assuntos, muitas vezes não nos atraem de maneira pessoal, o que não justifica nossa falta de visão profissional ou de habitante do planeta Terra. A comissão organizadora topou o desafio, arregaçou as mangas - e como! - e colocou à disposição uma semana cheia de possibilidades, inclusive a dos alunos e professores optarem pela não participação.

A aposta que a comissão organizadora fez foi que uma Semana deve ter o estimulador do debate e da reflexão, que a presença física não seja mera reflexão de normas burocráticas, mas tenha a qualidade de contribuir para a construção de uma atitude realmente acadêmica, universitária, curiosa, inquiridora, investigadora. A construção do conhecimento não se dá apenas nas aulas, nas atividades das disciplinas, mas principalmente no convívio, na troca de idéias e informações, na construção de espaços alternativos para a produção do saber.

Márcio Moreira



LIVROS - Flagrante do lançamento de livros na festa de encerramento da IV Semana da FAED. Da esquerda para a direita, Prof.ª Ione Ribeiro Valle (FAED), Prof. Pedro Martins (CEART) e Prof. Fernando Cardoso (CEFID).

7º COLÓQUIO

No dia 20 de setembro, no Plenarinho da FAED, se realizará o 7º colóquio sobre currículo, promovido pelo GSPP. O texto-base deste debate será "Escolarização e Cultura: a dupla determinação", de José Gimeno Sacristán.

Ademilde Sartori



Debate "Globalização e Identidade Nacional"

Esta semana teve o mérito, entre outros, de dar uma sacudida em certos "hábitos" arraigados entre nós. Um deles é o de que alunos e professores só participam se forem obrigados (chamada e ponto), outro é o de que corpo docente não é atualizado e o discente não estuda, tocou também no "aulismo" reinante e num certo "consumismo" manifesto quando algumas críticas são dirigidas a tudo o que é feito, porém não foi dada nenhuma contribuição para que o feito fosse melhor, como se a responsabilidade fosse sempre do outro.

É a FAED quem comemora o aniversário e a FAED somos nós. A Semana da FAED terá a cara que quisermos dar a ela, e no mínimo será um reflexo da nossa própria. Jargões? Pode ser. Mas também pode ser um chamado à construção de um momento que pode tornar-se o marco anual da produção de saberes do Centro.

Ademilde Sartori



LDB - Momento da palestra proferida pelo Prof. Carlos R. J. Cury, intitulada "LDB: histórico e perspectivas". À esquerda Prof. Osni Mazon Debiasi.

Sintonia FM

Fernando Moreira



INFORMATIZAR É PRECISO - Realmente, não se pode imaginar nos dias de hoje, uma Universidade, por menor que seja, acompanhando o desenvolvimento das tendências de vanguarda, sem a informatização de seus serviços. A UDESC não poderia fugir a esse desafio. E como ela faz para obter bons resultados? Nesses tempos de qualidade total (?), alguns prepostos do patrão maior não têm poupado esforços, no sentido de tentar boicotar ações que visem o bom desempenho da FAED, perante as exigências da comunidade, principal objetivo de nossa existência. Se somos universidade pública, devemos dedicar nosso máximo esforço em benefício do público, que é, por extensão, nosso empregador. Gostariamos muito de saber como é possível informatizar uma universidade, ou qualquer outro organismo público, sem as necessárias condições financeiras e estruturais. Os pedidos de material, feitos pela FAED a Reitoria, são inúmeros. De atendimento aos mesmos, pouco se sabe. Em se tratando de informática, a coisa se torna bem mais séria e preocupante. De que adiante termos quinze modernos computadores no prédio da FAED e mais outros dez no prédio da DAPE, se os insumos prometidos quase que diariamente pela Reitoria, levam meses para chegar? E não estamos falando de "hardware" tão sofisticado. Falamos de coisinhas corriqueiras, como um simples disquete formatado, ou um inocente refil de tinta para impressora. Até quando vamos ficar achando que somos gigantes? Pés no chão e humildade podem nos proporcionar mais firmeza e determinação no atingimento de nossos objetivos. Não se começa uma casa pelo telhado.

PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS LEVAM PRATA - Nos Jogos de Confraternização da Semana da FAED, a equipe da 8ª Fase de Geografia saiu vencedora, na modalidade de futebol de salão. O time dos professores e funcionários, sob a coordenação do capitão Silvio Custódio, abiscoitou um honroso 2º lugar. Parabéns às equipes! Ouro e prata para eles!

JORNAL OU INFORMATIVO? - E por falar em Jornal da ASUDESC, é sempre bom lembrar que alguns associados da dita Associação questionam bastante o citado periódico, não só pela discutível qualidade da matéria ali aposta, mas, também, por sua característica meramente informativa, com eventuais rasgos de pseudo-intelectualidade, à guisa de entretenimento, que revelam pouca ou quase nenhuma criatividade. Achar alguns sócios descontentes que ganharia a Associação se o pretensu "jornal" passasse a ser mais apropriadamente chamado de "Informativo da ASUDESC", utilizando, para isto, um papel mais adequado. O chamado papel-jornal, de custo bem mais acessível para, uma agremiação de funcionários de classe média, em geral, teria o mesmo efeito para a clientela e ainda serviria para outros propósitos, como embrulhar pescados e congêneres. Como membros do quadro associativo, eles acham que sua contribuição mensal, embora irrisória, deveria ser melhor aproveitada. Afinal, os tempos andam bicudos!



COBRANÇA INTELIGENTE BESC

- O Besc fornece bloquetes, carnês, aplicativos específicos e assessoria técnica.
- Tem 600 pontos de atendimento em Santa Catarina. E mais de 6.000 em todo o Brasil.
- Cobrança Simples
- Cobrança Direta

- Cobrança Escritural
- Cobrança Simplificada

Consulte seu Gerente.
Pensou bem, pensou Besc.

BESC *RVA*
O BANCO DE SANTA CATARINA



CALÇADÃO DO IMAGINÁRIO

Jairo Cardoso

Pago um café para quem se lembrar do pavão do Palácio Cruz e Sousa, antiga sede do governo do Estado, que virou museu e cenário de filme. Mas não basta dizer que lembram, para beber um expresso às minhas custas, faço questão da nostalgia do ilhéu, recordando os passeios pela Trajano, do Ponto Chic à Escadaria do Rosário. Quando eu era mais menino, minha mãe me levava pela mão, para ver o garboso *pavone* empinar a cauda estatutária - devia ter uns cinco ou seis anos e pensava que o pavão também recebia como funcionário, cujas especialíssimas atribuições se restringiam a atender a curiosidade dos transeuntes. Não sei o que houve com o pavão, aquele querido aspone dos jardins. Acho que reuniu meia dúzia de licenças não usufruídas e averbadas e requereu a aposentadoria, com medo de seus congêneres tucanos, promotores de terrorismos - e também de pavonice - nada ecológicos.

Hoje o calçadão da Trajano está muito diferente, mas ainda dá gosto caminhar sem pressa, peruar o jogo dos aposentados no Senadinho, escutar as últimas da política desterrêncense. Andar mais alguns metros e legitimar uma incoerência é questão de minutos: o Ponto Chic não me atrai tanto e vou sentar nas mesinhas do Bob's, que não têm nada de açoriano, nada de tradicional. Pelo menos o café é gostoso e a companhia interessante, pois reúnem-se as alunas dos cursinhos, para conversar sobre qualquer coisa sem importância - pelo menos sem importância para mim, que já passei no vestibular, sou um sujeito sério e, azar o meu, devo trabalhar todos os dias à uma da tarde. Azar o meu mesmo, que não posso aquecer-me ao sol e conhecer personagens atraentes, intrigantes, diferentes, fascinantes, que tornam o dia a dia florianopolitano digno de apreciação.

Uma das figuras mais interessantes é a cigana vendadora de loterias, que usa nos cabelos umas redes esquisitas. Certo dia chegou perto de mim e abordou-me sem nenhuma timidez: "Quês o bilhete premiado, advogado?". Quase derramei o café na camisa. Estudante de direito já é exibido, quando o reconhecem como advogado, então, não há quem suporte. Comprei uma cartela inteira. Não ganhei nada, mas bastou o vocativo alvissareiro. Comecei a acreditar em percepção extrasensorial, não havia nada na mesa que me denunciasse, nem sequer um Código. Uma semana depois a cigana ofereceu-me a loteria novamente: "Quês o bilhete premiado, engenheiro civil?". Respondi-lhe estarecido que não confiava na sorte e não comprei nenhum número. Concluam vocês mesmos, Nesses mesmos lunares, a não estou aqui para explicar minha ingenuidade.

Um senhor de terno listrado, chapéu, óculos escuros e cravo branco na lapela me evoca Ray Charles ou, quando estou com raiva de uma cigana espertalhona, os antigos filmes de gângsteres. O sorriso e o bom humor do velho são tão contagiantes, porém, que a imagem do cantor se sobrepõe e quase ouço *I Can't Stop Loving You* ou *Sweet Memories*. A propósito das músicas, desvio minha

atenção e imagino uma estudante sentada à frente, que me inspira versos e frases reveladores de sentimentos inefáveis, síntese pungente da invenção do abandono, da sublimação da ausência, da realização da poesia desejada por Carlos Lyra e Vinicius de Moraes: "E por falar em saudade, onde anda você, onde andam seus olhos, que a gente não vê..."

Uma observação crítica, para satisfazer a academia: as pessoas, principalmente a classe média, têm-se refugiado nos *shoppings centers*, não em busca de segurança e tranquilidade, mas de uma inebriante sensação de homogeneidade e isolamento. Os iguais ficam perto dos iguais e bem longe dos diferentes, mas tão longe que estes não podem chegar perto. Ainda prefiro o calçadão,

com seu público eclético, da margarida à universitária, do engraxate ao profissional bem vestido. O cheiro do povo, os passos do povo, a voz do povo mesclam-se num único olhar, simultaneamente conciliador e inquisitorial, que me parecem dizer a cada instante: "Eh, desocupado, tu és igual a todo mundo. Levanta e vem trabalhar com a gente". Apenas uma sincera homenagem, talvez um pouco piegas, ao incognoscível calçadão de sonhos.



CINEMÃO CINCO ESTRELAS

Ruy Castro confessou em público, em agosto de 1995, que não é crítico de cinema, pois isso o obrigaria a ir ao cinema. E admitiu frequentar as salas "mais ou menos uma vez por ano", porque hoje em dia não se faz mais "cinemão". Quem conhece um pouco Ruy Castro, através de seus livros, principalmente o indispensável *Saudades do Século 20*, sabe do que ele está falando: dos filmes das décadas de 40, 50 e 60, que "acabavam em beijo". Felizmente não se perdeu a possibilidade de assistir a estes filmes, devido ao grande número de lançamentos recentes, dirigidos aos mais saudosistas, mesmo que não tenham vivido naquela época.

Chegou às locadoras um título imperdível para os românticos e, também, excelente para os que pretendem iniciar-se na cinefilia, que passa, obrigatoriamente, pela produção de Hollywood: *Bom Dia Tristeza* (*Bonjour Tristesse*), de 1958, dirigido por Otto Preminger. O filme apresenta todos os requisitos de um clássico, a começar pelo elenco de estrelas inesquecíveis, como Deborah Kerr e David Niven, além de Jean Seberg, à época apenas com 17 anos. Aliás, *Bom Dia Tristeza* é uma das poucas oportunidades de ver a bela Jean, morta prematuramente em 1979.

Deborah Kerr e David Niven esbanjam classe e sofisticação, como um

casal de amigos que se encontra na Riviera Francesa. A fotografia é um espetáculo para os olhos, coisas que só o sistema Cinemascope/Technicolor poderia fazer. O diretor também intercala na história algumas cenas em preto e branco, cujo brilho a cópia em vídeo preservou.

O roteiro é baseado no romance homônimo de Françoise Sagan, que também fez muito sucesso. David Niven interpreta um viúvo *bon vivant*, que mora com a filha adolescente, sempre disposta a acompanhá-lo na rotina de festas e aventuras. Quando decide casar-se com Deborah Kerr e viver como um homem maduro, encontra a resistência de Jean Seberg, que faz de tudo para acabar com o romance. A trama é bem delineada, com interpretações convincentes e sensíveis, acompanhadas pela trilha sonora de Georges Auric.

Merece destaque a abordagem realista e séria do ciúme e do egoísmo, embora não seja objetivo do filme discutir os sentimentos humanos. Otto Preminger aprofundou-se na medida certa, sem confundir o espectador nem tornar a narrativa densa demais. Uma perfeita conciliação de entretenimento e conteúdo. Indicado para quem pensa que Hollywood só produziu arte alienadora e descartável.

J.C.



ANTES, A HISTÓRIA

"Um livro não é, de modo algum, moral ou imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Eis tudo."

Oscar Wilde

Durante muito tempo acreditei incondicionalmente na opinião de Oscar Wilde, sem refletir muito a respeito. A cada livro que lia, pelo menos depois que comecei a ler livros que prestassem, ficava nítida para mim a influência das construções estilísticas na condução do enredo. E não se pode, de fato, separar a desconfiança de Bentinho da sutileza de Machado de Assis, ou a raiva do vaqueiro Fabiano da aridez de Graciliano Ramos, além de outros exemplos. Entretanto, algumas obras modificaram meu ponto de vista e hoje não tenho medo de dizer que há ótimos livros que se amparam apenas em ótimas histórias, como *Antes, o Verão*, de Carlos Heitor Cony, republicado este ano pela Cia. das Letras.

É óbvio que não estou afirmando que Cony escreve mal, até porque ninguém me levaria a sério. Quem lê sua crônica diária na *Folha de S. Paulo* conhece a desenvoltura com que maneja as palavras, discorrendo sobre qualquer assunto. Mas *Antes, o Verão* é mais interessante pelas situações descritas, que pelas características formais. Os primeiros capítulos são pródigos em expressões do tipo "seiva de mulher", "companheira de todas as noites, de todos os prantos, de todos os pecados",

ou "mulher descomposta pelo amor, roncando de cansaço, entupida de gozo, servida em seus desejos". Isoladas, parecem frases de música sertaneja; inseridas no contexto, adquirem certa força expressiva, que não significam, porém, o melhor do livro. A atmosfera de ansiedade e incerteza não se coaduna com o quase exagerado romantismo, com o excesso de metáforas pouco originais. Aliás, quem se sensibilizar com o vocabulário açucarado das páginas iniciais pode não entender mais nada do resto da história.

Apesar da empolgação de Cony, o romance convence. As personagens principais têm uma dimensão humana muito forte, suas dúvidas são palpáveis, suas angústias tocantes, suas fraquezas comuns a todos. Embora escrito em meados da década de sessenta, o livro preserva sua verossimilhança, ao lidar com problemas perenes e atuais. O romance relata a desagregação de um casamento, retratando as pequenas misérias pessoais que se acumulam e se tornam insuportáveis, o tédio cotidiano, a vontade de fugir, a necessidade constante de dissimulação, a supressão da tolerância. Nas palavras de Otto Maria Carpeaux, os livros de Cony "são mais que um protesto contra os lugares-comuns da teologia moral. São um curso completo de antiteologia antimoral". Um livro bem escrito, para ser lido com olhos de leitor, não de crítico.

O LIVRO

Antes, o Verão
Carlos Heitor Cony
Cia. das Letras
189 páginas

J.C.